DOI: https://doi.org/10.29327/5849735.1-5

MARGARIDA ALVES: RESILIENTE FLOR DO MAMULENGO

Giselle Gomes da Silva Prazeres Souza[1]
Lilian Conceição da Silva[2]



Fonte: Thalita Pires (2024).

1 Doutoranda em Ciências das Religiões – UFPB; mestra em Extensão Rural.

2 Doutra em Teologia, pelas Faculdades EST/RS, com pós-doutorado em Educação, Culturas e Identidades, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e pela Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj).

PARA INÍCIO DE CONVERSA

Na primeira metade do século XX, em 1933, no dia 05 de agosto, em Alagoa Grande, interior do estado da Paraíba, nasceu Margarida Maria Alves, nona e última filha da mulher negra agricultora e dona de casa Alexandrina Inácia da Conceição e do indígena agricultor Manoel Lourenço Alves. Aos 6 anos começou a estudar no Sítio Jacu, onde nasceu, trabalhando como agricultora dos 8 aos 22 anos. Aos 34 anos, em dezembro de 1967, foi eleita tesoureira do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande. Três anos após, aproximou-se da CPT – Comissão Pastoral da Terra, da Igreja Católica Apostólica Romana. No ano seguinte, 1971, casou com Severino Cassimiro Alves, com quem teve um único filho, José de Arimateia Alves, em 1975. Antes, em 1973, aos 40 anos, foi eleita Presidenta do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, sendo sucessivamente eleita em 1976, 1979 e 1982, quando o Brasil vivia sob o violento regime da ditatura militar.

Em Alagoa Grande Margarida enfrentou usineiros poderosos em defesa dos direitos de trabalhadoras e trabalhadores rurais – direito à carteira de trabalho e a documentos para agricultoras e agricultores, 13º salário, jornadas de trabalho de 40 horas semanais e férias. As denúncias de Margarida contra os abusos e desrespeito aos direitos dos trabalhadores e das trabalhadoras das usinas açucareiras incomodaram muito os fazendeiros da região. Ela foi responsável por mover ações trabalhistas contra grandes proprietários de terras na Justiça do Trabalho. O principal alvo dessas denúncias foi a Usina Tanques, a maior do estado da Paraíba. Em 2014, após décadas de luta, a usina foi declarada de interesse social para a reforma agrária e se tornou um assentamento, uma vitória muito simbólica para as e militantes camponesas e camponeses da região.

Margarida acreditava que a educação é uma alavanca importante para a transformação social. Junto com Paulo Freire fundou o Centro de Educação e Cultura do Trabalhador Rural (CENTRU), para combater os altos níveis de analfabetismo rural e oferecer capacitação profissional para moradoras e moradores da região. Esse modelo de CENTRU se espalhou por sindicatos de todo país, contribuindo para o desenvolvimento rural e urbano de agricultores familiares até os dias de hoje.

Em 1983, no dia 1º de maio, Margarida Alves profere seu célebre discurso que ficou imortalizado pela potente declaração "É MELHOR MORRER NA LUTA DO QUE MORRER DE FOME". Três meses depois, em agosto do mesmo ano, no dia 12, sete dias após o seu aniversário, Margarida Maria Alves foi assassinada quando estava à porta de sua casa,

diante de seu esposo e de seu filho. Seu legado de luta por direitos para trabalhadoras e trabalhadores rurais segue inspirando mulheres e homens em todo Brasil.

O LEGADO DA GESTÃO SINDICAL DE MARGARIDA ALVES

Margarida Alves viu na didática lúdica do teatro de bonecos mamulengos um instrumento de comunicação popular para abordar temáticas desafiadoras assumidas pelo Sindicato Rural, principalmente junto à população de trabalhadoras e trabalhadores rurais, cuja maioria não sabia ler e escrever.

É importante ressaltar que na década de 1980, a taxa de analfabetismo entre as pessoas de 10 anos ou mais, na Paraíba, era de 49,59%, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 1991). Na área rural, o índice de analfabetismo era de 63,95%. Ou seja, era preciso um projeto de educação popular para alfabetizar as pessoas para que elas pudessem melhor compreender e lutar por seus direitos.

A resiliência, "capacidade de se ajustar em meio às vicissitudes negativas, logo é processo dinâmico que tem como resultado a adaptação positiva em contextos de grande adversidade" (Luthar; Cicchetti; Becker, 2000, p. 54), como é o caso das questões agrárias e trabalhistas no contexto rural do Brasil, fruto da construção social híbrida de resistência e adaptação a partir da manifestação popular do teatro de mamulengo e da educação popular, no município de Alagoa Grande, de 1977-1983, a partir da cosmopercepção de trabalhadoras e trabalhadores rurais.

O filósofo quilombola piauiense Nego Bispo (1959-2023), nos ajuda a compreender a diferença entre o necessário e o importante. "O termo que tem valor para nós é o necessário. Há pessoas que são necessárias e há pessoas que são importantes", o autor continua:

> As pessoas que são importantes acham que as outras pessoas existem para servi-las. As pessoas necessárias são diferentes, são pessoas que fazem falta. Pessoas que precisam estar presentes, de quem se vai atrás. (Santos, 2023, p. 24).

Margarida Maria Alves foi e continua sendo uma pessoa necessária, mesmo ausente fisicamente. Assim é para o maior movimento social de

Mulheres da América Latina, a Marcha das Margaridas, cujo nome é uma justa homenagem à sua vida e ao seu legado. Homenagem reconhecida também pelo Estado Brasileiro, que em 2023 inscreveu o nome de Margarida Alves no Livro de Heróis e Heroínas da Pátria – também chamado Livro de Aço –, como a heroína das ligas camponesas, das trabalhadoras e dos trabalhadores rurais do Brasil, através da Lei nº 14.649, de 16 de agosto de 2023.

Margarida Alves, Flor do Mamulengo, saiu de cena em agosto de 1983, quando foi brutalmente assassinada por pessoas tidas como "importantes" – latifundiários e usineiros da Paraíba. A defesa dos direitos trabalhistas da população rural ficou acirrada e entrou em conflito com os interesses de latifundiários. Em seu discurso persuasivo e firme, na comemoração do Primeiro de Maio de 1983, na cidade de Sapé, terra de outra flor de Mamulengo, chamada Elizabeth Teixeira, Margarida Alves deixou isto bem evidente:

> Eles não querem que vocês venham à sede do sindicato porque eles *(referindo-se aos usineiros)* estão com medo, estão com medo da nossa organização, estão com medo da nossa união, porque eles sabem que podem cair oito ou dez pessoas, mas jamais cairão todos diante da luta por aquilo que é de direito devido ao trabalhador rural, que vive marginalizado debaixo dos pés deles. (Coleção Mulheres em Rebeldia: Margarida Alves).

No entanto, como diria João Cabral de Melo Neto (2010), em Morte e Vida Severina, antes de morrer de morte matada, Margarida Alves, compartilhou saberes a partir da tradição oral e aprendizagens com a população rural, como podemos observar no texto acima, principalmente com as mulheres trabalhadoras rurais.

Por que "Flor do Mamulengo"? A beleza do teatro de bonecos, encanta e inspira pessoas "necessárias" ao mesmo tempo que expõe e denuncia a arrogância de pessoas "importantes", como aprendemos com Nego Bispo (2023). O teatro é uma conversa com a alma e Margarida Alves utiliza essa manifestação cultural para abordar temáticas desafiadoras e que enfrentam a sociedade hegemônica eurocristã, patriarcal, capitalista, racista e misógina. As flores trazem leveza e suave aroma à proposta pedagógica; o mamulengo traz o texto, a resistência e evidencia a capacidade de adaptação. Essa combinação configura Margarida Ales como resiliente Flor do Mamulengo.

OS MAMULENGOS E A FORMAÇÃO POLÍTICA

Lutar por melhor salário
E por um taco de terra,
Quando o latifundiário
Por todos meios a emperra,
Passou a ser a bandeira
Dessa brava companheira
Dos que sofriam tal guerra.[3]

No cenário brasileiro e, principalmente, no período de 1977-1983, no Nordeste brasileiro, era comum "um grupo de cabras querer governar todos os rebanhos. Não existe isto. Cada grupo de cabras forma o seu rebanho e cuida dele" (Santos, 2023, p. 47). A concepção colonial dos latifundiários é política porque diz respeito à gestão da vida alheia, da terra de outrem. Como bem afirma o filósofo congolês Valentin-Yves Mudimbe (2019), a estrutura colonizadora buscou formar pessoas a partir de métodos de dominação e subalternização, estabelecendo uma política de domesticação, seguida de apagamentos, conversões, dependência e sobrevivência a partir da "dominação do espaço público, no caso da dominação nas usinas e nos latifúndios, existia a reforma das mentes dos nativos"; nesse caso, das trabalhadoras e dos trabalhadores rurais que eram explorados pelo colonialismo capitalista que impunha dependência através das práticas opressoras. Pessoas "importantes" que se entendem como iluminadas e que desejavam, incansavelmente, dominar a vida das pessoas vulneráveis, categorizando, conforme Sampaio e Negreiros (2025), a existência a partir do mito do selvagem versus civilizado. Nesse contexto, os espaços de resistência são necessários e a estratégia de Margarida Alves, que fundia a educação política e a arte através do teatro de mamulengos, foi fundamental.

Para nós e para Nego Bispo (2023), a política eurocristã colonial reflete a colonização opressora e violenta que o Brasil sofreu no início do século XVI. Sampaio e Negreiros (2025) corroboram ao afirmar que "a história colonial buscou escravizar, subjugar, fragmentar e despersonalizar as pessoas implementando, sistematicamente, os apagamentos como um modo operacional do sistema colonial" (Sampaio; Negreiros, 2025, p. 4).

3 Braga, Medeiros. Margarida Maria Alves – Vida e Morte em Cordel. Editora Queima-bucha.

O teatro de mamulengos é um movimento contracolonial, ou seja, existe uma conversa de saberes que resiste ao sistema e que apresenta um modo de viver libertador que é possível a partir da construção social de resistência e adaptação.

Sendo assim, há uma compreensão que os mamulengos são bonecos articulados, usados em apresentações cênicas, comuns no entretenimento popular, e antigos no imaginário da população. Braga Junior (2012) nos ensina que suas origens são bem distantes geográfica e culturalmente do Brasil, pois mamulengos são de origem oriental, conforme Borba Filho (1987). No entanto, a presença de mamulengos no Brasil é decorrente da função pedagógica durante os autos religiosos de influência católica, na catequese dos Jesuítas. Oriundos dos títeres medievais[4], os mamulengos são produzidos com vários tipos de materiais, sendo os mais comuns os de madeira e pano. "Eles são produzidos a partir de uma mobilização de pessoas. Dos ensaios até a estreia do espetáculo é imprescindível as parcerias, a alegria da partilha dos saberes e as narrativas orais das histórias locais" (Gomes, 2018.p. 54). No Nordeste brasileiro, esses bonecos, em sua maioria, de pano, principalmente de retalhos e papel machê, com a cabeça grande, que é justamente o local para a articulação do boneco.

O termo "mamulengo" se origina provavelmente da expressão "mão-molenga", em referência ao ato de pôr a mão dentro do boneco e movimentá-lo (Cascudo, 1999). Segundo Braga Junior (2012), à medida que ocorreu a profanação do mamulengo e sua saída da função pedagógica da educação religiosa, ganhou um espaço de entretenimento da população e de diálogo sobre acontecimentos com certa representação social, mas a função continuou pedagógica. No entanto, indo além, pois denunciava as injustiças trabalhistas sofridas pela população rural. Assim como na Idade Média os grupos foram perseguidos por autoridades religiosas, na Idade Contemporânea sindicalistas rurais também têm sido perseguidos, resultando com assassinatos de muitas lideranças, assim como ocorreu com Margarida Alves. O teatro de mamulengos expunham situações do cotidiano da vida de trabalhadoras e trabalhadores rurais, como tão bem menciona a também sindicalista Carmelita Pedroza, amiga de Margarida Alves:

> Margarida orientou um grupo de jovens que fizessem peças e utilizassem bonecos sobre a realidade dos trabalhadores rurais. Dessa forma, o grupo passa a encenar a

4 Na idade média, os bonecos eram utilizados nas doutrinações religiosas e apresentadas em feiras populares. Houve um período em que os integrantes desses grupos de teatro foram muito perseguidos porque representavam personagens que faziam críticas as autoridades religiosas.

> relação que era estabelecida entre senhor de engenho e trabalhador do corte de cana, bem como o papel da mulher desempenhado nesse contexto. Os trabalhadores riam, davam gargalhadas, choravam porque sabiam que tudo aquilo era verdade. (Relato de Carmelita Predoza).

Segundo Freire (2025), o sindicato presidido por Margarida foi fundado em 9 de julho de 1972d. Severino Cassemiro Alves, que se tornou esposo de Margarida, foi um dos fundadores. O autor ainda explicita que "o assassinato de Margarida Alves é uma ferida incurável da robusta história de Alagoa Grande, e o motivo da morte é evidente: a defesa dos direitos do trabalhador rural" (Freire, 2025, p. 997).

Os mamulengos contavam causos – relatos curtos de acontecimentos – e peripécias das mais hilariantes até às mais trágicas. As histórias retratavam os patrões como vilões, assim como as muitas violências que impunham contra a classe trabalhadora rural. Existe, no teatro, uma série de reconhecimentos sociais culturalmente estabelecidos. O teatro de bonecos se caracterizou por apresentações na região rural, geralmente realizada na porta do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, para que fosse visto por todas as pessoas que passavam na rua. Não era mercantilizado, buscava o comunitarismo, valor ressaltado por Nego Bispo (2023). Desta forma, o movimento do teatro de mamulengos foi colaborativo na construção de uma resistência cultural afirmativa para a garantia dos direitos de trabalhadoras e trabalhadores rurais no município de Alagoa Grande, no período de 1977-1983, sob a gestão de Margarida Alves.

A FLOR DO MAMULENGO E A EDUCAÇÃO POPULAR

Voltada para o futuro
A frente da entidade
Abriu escolas aos filhos
Daquela sociedade,
Pra ensinar o A,B,C,
Sobretudo, dar saber
Com noções de igualdade.[5]

5 Braga, Medeiros. Margarida Maria Alves – Vida e Morte em Cordel. Editora Queima-bucha.

A relação entre educação e política tem sido feita de forma recorrente e como uma maneira de resistência. A educação popular traz características relacionadas à coletividade, ancestralidade e garantia de direitos. Consequentemente o espaço do Sindicato servia para transformar socialmente as realidades de trabalhadoras e trabalhadores rurais, de modo que a luta coletiva por direitos conectava e alimentava uma sinergia na classe trabalhadora rural.

Para Gomes (2018) a educação popular se configura na vivência de quem se disponha ao processo formativo, mesmo sem educação formal; promovendo envolvimento e compartilhamento de saberes. Margarida Alves, Flor do Mamulengo que somente pode estudar até a 4ª série, buscava intercruzar as relações humanas e as relações com a terra. Margarida se empenhava em sensibilizar trabalhadoras e trabalhadores para estudar, principalmente como instrumento de conversão de suas mentes. Pois para que a resistência fosse expressiva era preciso que trabalhadoras e trabalhadores tivessem conhecimento de seus direitos.

Como bem sabemos, nunca houve interesse da classe dominante de que as pessoas trabalhadoras rurais aprendessem a ler, a escrever, e, menos ainda, sobre os direitos trabalhistas. Segundo depoimento de Carmelita Pedroza, em 20 de julho de 2025: "quando Margarida assumiu a direção do Sindicato, o seu objetivo foi mostrar para os trabalhadores rurais e pequenos arrendatários que eles tinham direitos, pois muitos não sabia, e incentivá-los a reivindicá-los". Sendo assim, a escola de formação política tinha entre as suas atividades, o teatro e a tarefa de alfabetizar.

O programa de alfabetização foi construído por jovens do grupo de teatro da Igreja Católica Apostólica Romana. Na ocasião, o programa governamental do Governo Federal era o Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL, que já cumpria a tarefa de alfabetização. Mas Margarida queria um estudo mais desafiador, à luz da Pedagogia de Paulo Freire, trazendo palavras geradoras que eram aplicadas na vida de alfabetizandas e alfabetizandos, através do instrumento do teatro de mamulengos. Essa foi a estratégia adotada pela Flor do Mamulengo.

A partir do CENTRU, que "prestava assessoria aos sindicatos rurais de todo o Nordeste buscava mecanismos para implantação de uma educação libertadora, tendo o foco a educação de jovens e adultos" (Ferreira, 2017, p. 89), Margarida Alves incentivava professoras e professores a assumirem à estratégia dialogal, com a criatividade e a leveza da arte.

Na abertura de um dos congressos regionais do CENTRU, Margarida fez o seguinte pronunciamento:

> Nós não podemos calar diante dessa multidão de famintos e injustiçados. Temos que denunciar a situação em que estamos. A gente nunca vai esmorecer, não queremos o que é de ninguém, nós queremos o que é nosso: terra e educação. O CENTRU é um dos principais instrumentos de educação e política. A educação era compreendida como uma arma de luta frente ao latifúndio. (Ferreira, 2017, p. 87).

A base didática no CENTRU era o diálogo, e para afirmar sua importância, recorremos ao que afirma a socióloga Maria da Glória Gohn (2010):

> O diálogo, tematizado, não é um simples papo ou conversa jogada fora,é sempre o fio condutor da formação, que apresenta dentro de uma metodologia, ações práticas, tais como: atividades, etapas, métodos, ferramentas e instrumentos. (Gohn, 2010, p. 51).

A combinação entre teatro de mamulengos e a educação popular do CENTRU se constituiu como uma construção social para o enfrentamento de um sistema colonial eurocristão e opressor. O ponto de partida da educação popular no projeto de protagonismo e resistência de trabalhadoras e trabalhadores rurais, além da garantia dos direitos trabalhistas, era visto por Margarida a partir da adaptação do cenário local, como bem aponta o professor Carlos Julio Jara (1999):

> No mundo local, onde a comunidade ainda é comunidade, ainda existem realidades sociais, historicamente determinadas, caracterizadas pela ação conjunta, redes de sociabilidade afirmadas na reciprocidade e cooperação, esperança no outro, homogeneização de interesses em torno de reivindicações e demandas coletivas, emocionais, coletivos solidários, identidades que revelam sentimentos não individualistas como proteção, lealdade, dignidade e honestidade (Jara, 1999, p. 12).

Segundo narrativas orais de Carmelita Pedroza, em 1981, surgiram as primeiras escolas. Margarida Alves fez crescer escolas em outras cidades. Desde o Brejo Paraibano Margarida fez florescer a possibilidade de independência da mulher na sociedade rural. Quando a Flor do Mamulengo murchou, após seu assassinato, havia em torno de vinte turmas de alfabetização, apenas no município de Alagoa Grande, e cerca de seis-

centos processos na justiça do trabalho. Segundo informações coletadas na Coleção Mulheres em Rebeldia (2021), produzida pelo Setor de Gênero do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), da Escola Nacional Florestan Fernandes, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, no período de 1977-1983, não perdeu nenhuma causa trabalhista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos que o período de gestão de Margarida Alves no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, foi marcado por resiliência, como um processo social híbrido de resistência e adaptação. Esse efeito físico-social permite, em determinadas ocasiões, um processo de compartilhamento fortalecedor de laços culturais e identitários de trabalhadoras e trabalhadores rurais sindicalistas, no período de 1977-1983. Um grande legado deixado por Margarida Alves, resiliente Flor do Mamulengo.

REFERÊNCIAS

BARBERO, Jesus Martin. **Dos Meios às Mediações**: Comunicação, Cultura e Hegemonia. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.

BORBA FILHO, Hermilo. **Fisionomia e espírito do Mamulengo**. 2. ed. Rio de Janeiro: INACEN, 1987.

BRAGA JR, A. X. A Pluralidade Religiosa e Interreligiosidade: as apropriações de elementos das religiões afro-brasileiras nas celebrações wiccanas. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO, 3., 2010, Recife. **Anais** [...]. Recife: Fundação Paulo Abrantes, 2010. v. 1. p. 220-230.

CANCLÍNI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade. São Paulo: Edusp, 1997.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10. ed. Rio de Janeiro: Ediouro. 1999.

FERREIRA, Ana Paula Romão de Souza. **Margarida, Margaridas**: memória de Margarida Maria Alves (1933-1983) através das práticas educativas das Margaridas. João Pessoa: Editora da UFPB,2017.

FERRETTI, Sergio F. **Repensando o Sincretismo**: Estudo sobre a Casa das Minas. São Paulo: EDUSP; São Luís: FAPEMA, 1995.

FREIRE, José Avelar. **Alagoa Grande: Sua História (1625-2020)**. 3. ed. rev. ampl. v. 2. João Pessoa: Ideia, 2025.

GOMES, Giselle; LEMOS, Fernanda; SILVA, Lilian Conceição. Mastruz e rapadura: Folkcomunicação e Gênero na amarga vida de Margarida Maria Alves. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 23, n. 51, p.23-38, jul./dez. 2025.

GOMES, Giselle. **Quadrilha Junina**: comunicação para o desenvolvimento, São Paulo: Fonte Editorial, 2018.

GOHN, Maria Glória. **Educação não formal e o educador social**: atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010.

JARA, Carlos Julio. **A sustentabilidade do desenvolvimento local**. Recife: Seplan,1999.

LUTHAR, S.; CICCHETTI, D.; BECKER, B. The Construct of resilience: a critical evaluation and guidelines for future work, **Child Development**, v. 71, n. 3, p. 543-558, 2000.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida Severina e outros poemas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

MUNDIBE, Valentin. **A invenção da África**: Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2019.

PIRES, Thalita. Há 91 anos, nascia Margarida Alves, heroína brasileira. **Brasil de Fato**, Brasília, 5 ago. 2024. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2024/08/05/ha-91-anos-nascia-margarida-alves-heroina-brasileira/. Acesso em: 28 jan. 2026.

SAMPAIO, Dilaine; NEGREIROS, Regina Coeli. O papel do Ubuntu na construção de uma sociedade antirracista a partir da cosmopercepção do outro. **Plura. Revista de Estudos da Religião**, v. 16, n. 2, p. 1-19, 2025. ISSN 2179-0019.